



JOSIANE DE SOUZA SILVA
MÁRCIA BEATRIZ GONÇALVES DIAS

**O GÊNERO MEMÓRIA NA AULA DE LITERATURA DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

**Lavras – MG
2021**

JOSIANE DE SOUZA SILVA
MÁRCIA BEATRIZ GONÇALVES DIAS

**O GÊNERO MEMÓRIA NA AULA DE LITERATURA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Artigo apresentado ao curso de
Letras/Português da Universidade Federal de
Lavras, como requisito parcial para a obtenção
do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Profa. Dra. Andrea Portolomeos

**Lavras – MG
2021**

**JOSIANE DE SOUZA SILVA
MÁRCIA BEATRIZ GONÇALVES DIAS**

**O GÊNERO MEMÓRIA NA AULA DE LITERATURA DO ENSINO
FUNDAMENTAL II
THE MEMORY GENDER IN THE LITERATURE CLASS OF
FUNDAMENTAL EDUCATION II**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

APROVADA em 14 de junho 2021.

Profa. Dra. Raquel Márcia Fontes Martins- UFLA
Prof. M.e. Glauco Soares Joaquim- UFSJ

Profa. Dra. Andréa Portolomeos
Orientadora

**LAVRAS – MG
2019**

Dedicamos este trabalho a todos que nos ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras, especialmente ao Departamento de Estudos da Linguagem, pela oportunidade.

A nossa orientadora, professora Dra. Andrea Portolomeos, pela disposição em nos ajudar, paciência e confiança.

Aos nossos familiares pelo apoio e companheirismo.

MUITO OBRIGADA!

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.” (Antônio Candido)

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a utilização do gênero memória na aula de literatura no ensino básico. Mais especificamente, analisa o livro infantojuvenil “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky, e sua utilização no contexto da sala de aula. A discussão do livro parte de pressupostos teóricos sobre a especificidade da linguagem literária e sobre a Estética da Recepção, pois visa propor alternativas para um ensino efetivo de literatura na escola com base nas orientações da BNCC. O trabalho discute ainda a importância da formação continuada do professor da escola básica tendo em vista a proposição de aulas mais efetivas de literatura diante de um contexto em que as aulas com texto literário, muitas vezes, terminam por se confundir com as aulas de língua portuguesa. O trabalho conta com o suporte teórico de Cosson (2015), Zilberman (2012), Portolomeos e Botega (2021), Segabinazi (2013), Rodrigues (2019), Proença Filho (2007) e Possebom (2011).

Palavras-chave: ensino de literatura, escola básica, memória, literatura infanto-juvenil, leitor-fruidor

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the use of the memory genre in the literature class in basic education. More specifically, it analyzes the children's book “Transplante de menina”, by Tatiana Belinky, and its use in the context of the classroom. The discussion of the book starts from theoretical assumptions about the specificity of the literary language and about the Aesthetics of Reception, as it aims to propose alternatives for an effective teaching of literature at school based on the guidelines of the BNCC. The work also discusses the importance of continuing education for the elementary school teacher with a view to proposing more effective classes in literature in the context of classes in which literary text often ends up being confused with Portuguese language classes. The work has the theoretical support of Cosson (2015), Zilberman (2012), Portolomeos and Botega (2021), Segabinazi (2013), Rodrigues (2019), Proença Filho (2007) and Possebom (2011).

Keywords: teaching of literature, elementary school, memory, children's literature, reader-viewer

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	10
2-CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA E O CONCEITO DE LITERATURA	13
3- O TRABALHO COM O GÊNERO MEMÓRIA NA SALA DE AULA	19
4- UMA LEITURA DE “TRANSPLANTE DE MENINA”, DE TATIANA BELINKY E UMA PROPOSTA DE TRABALHO PARA SALA DE AULA	21
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

Embora a definição de literatura seja complexa e mobilize séculos de teorias, trabalhamos com a definição de que a obra literária é toda manifestação de linguagem que tem como finalidade a experiência estética. Ela é um discurso que não tem a intenção de apenas comunicar algo, mas também de construir um dizer que seja envolvente em um nível sensível, ou seja, que seja emocional.

Cunha (2014) cita que

Podemos entender a experiência estética literária como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção. Tal produção literária é – ela também – uma experiência estética, cujo resultado seu criador quer fazer único e inconfundível, com marcas que ele gostaria que fossem percebidas pelo leitor como pegadas no caminho da leitura de sua obra. (CUNHA, 2014)

A teoria literária se torna um importante campo para a compreensão da especificidade desse discurso e para o seu ensino na escola básica. A partir da Estética da Recepção, a teoria propõe um trabalho com a literatura no sentido de observar seu efeito de leitura em cada leitor específico, respeitando e cultivando as individualidades. Assim, trazendo esse conhecimento para a escola, o aluno, ao se relacionar com o texto, será estimulado a descobrir, a partir de suas experiências individuais, novas perspectivas sobre a vida, o mundo e si mesmo. Nesse sentido, tal conceito de literatura precisa ser mais discutido no contexto escolar tendo em vista sua importância para uma formação mais plena do aluno e para sua educação estética.

Ao pensarmos na forma como a literatura vem sendo ensinada por grande parte das escolas hoje, percebemos que a perspectiva recepcional ainda não está sendo discutida e considerada suficientemente, embora apareça em importantes orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), maior documento da educação brasileira, homologado em 2017. Nesse documento, podemos encontrar diretrizes que orientam sobre a necessária formação do leitor-fruidor pela escola.

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2017, p. 138)

Formar leitor-fruidor significa dar oportunidade para o aluno sentir prazer com o texto literário, se envolver com ele através da mediação do professor. Entretanto, muitas vezes o texto de literatura é trabalhado como um gênero textual nas aulas de língua portuguesa para fins que se distanciam da educação estética do discente. É comum ainda encontrarmos nos livros didáticos de língua portuguesa trechos/fragmentos de obras literárias a partir das quais o educando deve interpretar corretamente o texto, extraindo um sentido correto para ele. A teoria textualista utilizada nesse tipo de interpretação está ultrapassada em décadas pelas teorias recepcionais, segundo as quais o sentido para texto literário deve se relacionar com a experiência singular de cada leitor.

De acordo com Portolomeos e Botega (2020), uma prática de leitura literária que descarte esse tipo de conhecimento não forma leitores-fruidores e não cumpre com o potencial humanizador da literatura, pois os alunos estarão limitados a extrair do texto respostas prontas e reproduzir significados pré-estabelecidos.

Dessa forma, para que as aulas de literatura sejam produtoras e atendam sua função de acordo com a BNCC, é indispensável que o professor da escola básica tenha oportunidade de repensar suas práticas através de uma formação continuada que lhe garanta o conhecimento específico da sua área de atuação e o aprendizado de novas práticas de ensino. Somente dessa maneira os professores terão oportunidade de expandir seu conhecimento teórico e discutir de maneira mais autônoma as orientações e propostas que norteiam os documentos oficiais para o ensino de literatura.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo discutir e apresentar possibilidades para uma prática significativa de ensino da literatura no ensino fundamental II e contribuir para a formação continuada dos professores da educação básica. Mais especificamente, o trabalho se propõe a discutir a

elaboração de um trabalho de sala de aula com o gênero memória nessa etapa escolar tendo em vista a formação do leitor-fruidor. Não se trata apenas de apresentar uma proposta para aulas de literatura, mas de discutir caminhos teóricos que respaldem a formação estética do aluno, seu letramento literário, a partir do gênero literário memória. Assim, a proposta de trabalho terá como base o livro “Transplante de Menina”, da autora Tatiana Belinky,

O presente artigo foi desenvolvido em duas etapas. Primeiramente, apresentamos o quadro teórico que embasa nossa pesquisa e, na segunda parte, realizamos a análise do livro em diálogo com o quadro teórico discutido na primeira parte. A partir do material analisado, apresentamos sugestões que podem ser desenvolvidas pelo professor em seu trabalho com o gênero memória na sala de aula visando à formação do leitor-fruidor. Os autores Botega; Portolomeos (2021), Cosson (2015), Costa (2013), Portolomeos; Rodrigues (2020), Possebom (2011), Proença-Filho (2007), Rodrigues (2019), Segabinazi (2013), Silva (2009) e Zilberman (2012) oferecem a fundamentação para a discussão desenvolvida e para as sugestões de atividades que estão ancoradas na obra analisada e nas orientações da BNCC para o ensino de literatura.

2. Considerações sobre a especificidade da linguagem literária e o conceito de literatura

Com base na teoria literária, compreendemos como a linguagem literária se constitui internamente e na sua relação com a sociedade e a cultura. A teoria da literatura de acordo com Zilberman (2012, p. 11) “é a ciência à qual compete estudar as manifestações literárias”, ou seja, é um campo de saber que estuda a manifestação do texto artístico na sociedade, diferenciando esse tipo de texto de outras manifestações de natureza verbal. É importante destacar que essas manifestações verbais não se apresentam unicamente por escrito - independentemente do termo literatura provir de *littera*, “letra”, em latim -, pois os primeiros produtos literários do ocidente foram propagados oralmente e a cultura popular, nos nossos dias, é rica em versos e estrofes que são apenas decorados. Segundo Zilberman,

A especificação do objeto da Teoria da Literatura tem, portanto, de se posicionar perante as questões relativas à escrita e à oralidade, assim como perante a leitura e a audição de textos e poemas”, com isso não haverá exclusão de manifestações poéticas que circulam exclusivamente na oralidade. (Zilberman, 2012, p. 12)

A autora (2012, p.13) explica ainda que “a literatura é uma manifestação artística e para que algo seja considerado arte é preciso que tenha um valor”. Este valor pode ser encontrado em todas as obras literárias ou especificamente em determinados gêneros literários.

O valor é determinado por uma avaliação, que se faz a partir de certos critérios. A formulação desses critérios é uma das atribuições da Teoria da Literatura, mas eles não são universais, nem imutáveis. Ao longo do tempo, os critérios mudaram muito, correspondendo às expectativas dos especialistas que, em decorrência de sua formação e de suas experiências de leitura, estabeleceram as principais medidas para avaliação das obras literárias do passado e do presente. (ZILBERMAN, 2012, p.30)

Nas aulas de teoria literária, nos cursos de licenciaturas, além de outras definições, os futuros professores são apresentados a um conceito de literatura originário das chamadas teorias recepcionais além de outros. Segabinazi (2013,

p. 116) diz que “a estética da recepção é uma teoria que orienta o método recepcional de abordagem do texto literário em sala de aula”. A autora explica que esse conceito de literatura prevê o efeito estético provocado pelo texto artístico no ato de leitura. As autoras Portolomeos e Rodrigues citam no artigo “*A leitura literária na sala de aula: a teoria na prática ajuda?*”

Boa parte de nossas aulas de literatura no ensino básico ainda estão organizadas de acordo com teorias textualistas, imanentistas, segundo as quais os sentidos do texto são intrínsecos à própria organização do texto literário, devendo assim serem “extraídos” do texto pelo leitor. Nesse viés, não é difícil encontrar, tanto em aulas como em materiais didáticos em circulação, direcionamentos para “a interpretação correta” do texto, ou para a intenção do autor. (PORTOLOMEOS; RODRIGUES, 2020, p. 205)

Botega e Portolomeos corroboram dizendo que

A leitura literária ensinada com base nas teorias textualistas não cumpre seu papel humanizador porque, nessa perspectiva, os alunos não exercitam a significação do texto para a ressignificação de seu mundo e de sua vida, limitando-se simplesmente a extrair e reproduzir significados pré-estabelecidos no e pelo texto. (BOTEGA; PORTOLOMEOS, 2021, p. 299).

Por meio da teoria recepcional de abordagem do texto literário, evidencia-se que as obras são passíveis de muitas interpretações para além das pré-estabelecidas pela crítica especializada. Assim, essa teoria também explica que o ato de leitura se concretiza na medida em que o leitor preenche individualmente os vazios (os pontos de indeterminação) constituintes do texto literário com a sua imaginação e criatividade. De acordo com Segabinazi (2013, p. 117)

O leitor, durante a leitura, interfere, dialoga e preenche os espaços lacunares de acordo com suas vivências acumuladas na memória, trazendo para o texto literário sua percepção sobre o que lê, revelando nesta atitude um verdadeiro ato de comunicação. Assim, nessa comunicação o que ocorre é o encontro entre os horizontes delineados pelo texto (os estratos) e os pertencentes ao leitor. (SEGABINAZI, 2013, p. 117)

O discurso literário se diferencia do discurso ou da fala do cotidiano, pois esse é um instrumento da informação e da ação, possuindo uma organização eficaz ou interessada para esse fim. Já o discurso literário possui uma

organização sem uma finalidade de ação, mas com uma finalidade primeira de contemplação das emoções por ele estimuladas. Esse reconhecimento é essencial para que o professor não desvirtue a leitura do texto literário, que deve estar pautada na emoção, e para que ele possa selecionar melhor o texto literário de acordo com o grau de maturidade linguística de cada turma.

Compreender a diferença entre a linguagem literária e a linguagem do cotidiano é importante para nortear a escolha do professor dos textos literários que serão trabalhados em sala de aula, de maneira a preservar em sua prática o estímulo à imaginação e à criatividade tão próprios da atividade de leitura do texto estético. (PORTOLOMEOS; RODRIGUES, 2020, p. 206)

Interessa observar que a linguagem literária e a cotidiana se aproximam, pois, as duas trabalham com o mesmo instrumento, a palavra. Porém, elas não possuem a mesma intencionalidade e formas de uso, pois a linguagem literária é usada para fins estéticos, o que precisa ser preservado pelo professor na sua prática de sala de aula.

Até o século XIX, era considerada literatura toda e qualquer obra publicada, independentemente de suas pretensões artísticas. Entretanto, na atualidade, o universo da literatura é mais restrito e busca-se acolher nesse conceito apenas as produções que lidam com a fantasia e a ficção manifestadas por intermédio da linguagem verbal e com propósitos artísticos.

Todavia, como há diferença no que se considera literatura e o conceito abrange um universo restrito, Zilberman (2012, p. 29) adverte que

Todo conceito de literatura terá de lidar com exclusões, chamando a atenção não apenas para o que é literatura, mas também para o que não é. O que for considerado literatura dará margem ao adjetivo literário, termo que não dispõe propriamente de um antônimo, de modo que o que ficar excluído será designado pelo advérbio não, colocado na posição de prefixo, na expressão não literário. (ZILBERMAN, 2019, p. 29).

Para determinar se uma obra é literária ou não temos variados critérios formulados pela teoria da literatura, entretanto muitos desses critérios modificam-se, pois não são estáveis e nem imutáveis, tendo em vista que a literatura se modifica no tempo. Em relação à especificidade da literatura, Proença-Filho diz que

Não podemos, até o momento, caracterizar plenamente a especificidade da literatura, temos possibilidade, graças ao desenvolvimento dos estudos e das pesquisas na área, de indicar traços peculiares e identificadores do discurso literário enquanto tal. Sem a menor pretensão ou a veleidade de decifrar o mistério da esfinge. (PROENÇA-FILHO, 2007, p. 11).

Mesmo sem poder caracterizar a especificidade da literatura plenamente, é possível identificar traços específicos do discurso literário. A complexidade é uma das características do discurso literário, em que as informações transmitidas vão além do nível meramente semântico. “O texto literário realmente significativo ultrapassa os limites do codificador para nos atingir, por força ainda do mistério da criação em literatura, com mensagens capazes de revelar muito da condição humana.” (PROENÇA-FILHO, 2007, p.41).

A multissignificação é outra característica dos textos literários, o que oferece ao ouvinte, leitor ou destinatário a possibilidade de produção de uma multiplicidade de sentidos. Na linguagem literária, não há uma preocupação com a plena clareza da comunicação nela veiculada e com a obediência às normas usuais da língua; assim, essa linguagem permite múltiplas leituras de uma mesma obra a depender o leitor, de seu contexto histórico, cultural, psicológico, emocional, etc.

Essa multissignificação tem a ver com o predomínio da linguagem conotativa no texto literário segundo Proença-Filho. Ainda segundo o autor, “não existe uma “gramática normativa” para o texto literário, seu único espaço de criação é o da liberdade”. (PROENÇA-FILHO, 2007, p.46). Sendo assim, essa conotação se relaciona ao exercício criativo da produção do texto.

A literatura traz a marca de uma variabilidade específica, seja em relação aos discursos individuais, seja em termos de representatividade cultural. E não nos esqueçamos de que, na base da literatura, está a permanente invenção. (PROENÇA-FILHO, 2007, p.50).

É importante destacar também que a literatura é uma fonte de conhecimento amplo e humanizador que abre diversos campos de aprendizado. De acordo com Rodrigues (2019, p. 11 *apud* CANDIDO, 1988, p.182), “A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o

semelhante”. Nesse sentido, Antonio Candido (2014) discute que a literatura é uma necessidade universal experimentada em todas as sociedades. Para ele, o indivíduo, ao ler, vai armazenando o que leu e assim modificando sua maneira de ver a realidade. Desse modo, de acordo com Candido, a literatura ensina a ver a vida de uma maneira mais ampla, mais perspectivizada.

Na escola, muitos professores enfrentam diversas dificuldades quanto ao ensino de literatura. Em geral, a maior dificuldade é despertar no aluno interesse pelo conteúdo literário. Nesse ponto, é necessário observar que faltam recursos e investimentos de políticas públicas para auxiliar nesse processo, como na estruturação de boas bibliotecas e como em um acervo diversificado e atualizado. Desse modo, os textos utilizados pelos professores nas aulas muitas vezes não são atraentes para os discentes, pois não se tem muitas possibilidades de escolha. Segundo Portolomeos e Rodrigues (2020, p. 206) “a escolha da obra literária para a sala de aula deve implicar um ato consciente e político do professor que intenciona formar leitores questionadores de sua vida em sociedade e emancipados”. Mas isso só será possível, se a escola contar com um acervo interessante de livros.

Ainda em relação às políticas públicas, como já destacamos aqui, é necessário que os professores de literatura da educação básica tenham formação continuada para que exercitem um conhecimento teórico sobre a linguagem literária. É através desse conhecimento teórico que será possível a proposição de aulas mais efetivas de literatura e ainda uma melhor compreensão dos documentos oficiais para o ensino desse campo do conhecimento. Costa afirma que

[...] toda prática está alicerçada em teorias que, muitas vezes, são desconhecidas dos professores e que, por isso mesmo, emperram ou atrapalham a obtenção de melhores resultados na formação dos leitores. (COSTA, 2013, p. 8)

O ensino literário na escola necessita observar a formação do leitor-fruidor como já destacamos aqui. Desta forma, a literatura deve ser ensinada a partir de abordagens metodológicas que considerem seu objeto em sua especificidade. Assim, o docente precisa oferecer ao estudante variados momentos de leituras literárias, trabalhando todas elas em sua particularidade

emocional, estética. Essa sensibilização criada a partir do texto literário pode auxiliar os alunos na compreensão de outras áreas do conhecimento. Nessa esteira, Costa (2013, p.11) cita que “a metodologia do ensino da literatura infantil pode contribuir para a melhoria das demais disciplinas da escola”.

Ainda em relação ao desenvolvimento do senso estético do aluno, o professor deve apresentar diferentes gêneros literários ao longo de suas aulas, sejam eles canônicos ou definidos como populares, explorando as características peculiares de cada gênero, pois eles apresentam convenções estéticas específicas. Assim, os alunos tomarão gosto pela linguagem estética, sobretudo os alunos que não possuem lastro de leitura em casa e que dependem da escola para desenvolver esse senso estético. Segundo Rodrigues

A influência de um professor na construção da história de leitura literária de um aluno é extremamente importante em nosso país, tendo em vista que muitos de nossos alunos só conhecem a experiência do texto literário através da escola por conta de sua condição social vulnerável. (RODRIGUES, 2019, p. 38)

O ensino da linguagem literária na escola pode ser estimulado pela leitura de obras clássicas e contemporâneas, lembrando sempre da importância de se considerar a realidade do aluno na seleção da obra e também da mediação do professor no processo de significações do texto.

A autora Segabinazi (2013) avalia que

Um professor esclarecido e confiante no seu papel sempre estará atento às necessidades dos alunos e contribuirá com as escolhas e orientações de leituras para além do universo já conhecido do aluno, criando projetos e desenvolvendo o letramento literário em sua plenitude. (SEGABINAZI, 2013, p.139).

3. O trabalho com o gênero memória na sala de aula

Trabalhar com o gênero literário memória em sala de aula significa, além de considerar a especificidade da linguagem literária, estudar o gênero no qual a memória se inscreve. É importante destacar que nem toda narrativa memorialística é literária, por isso o professor precisa ter muita clareza sobre a particularidade do discurso literário. O gênero memória é importante na formação do aluno na medida em que pode resgatar e fortalecer a aproximação dos discentes com suas origens identitárias e culturais. Nesse sentido, deve-se ter clareza para o fato de que as obras de cunho memorialista auxiliam os estudantes a organizarem seu mundo e conseqüentemente sua comunidade.

Nessa perspectiva, o significado de ler memórias literárias desde textos mais antigos como mitos, tragédias e narrativas épicas até os textos contemporâneos como diários, autobiografias, biografias e confissões é um ponto de partida para a redescoberta de si mesmo e da consciência histórica de sua própria comunidade familiar ou não.

Assim, recorrer à memória possibilita uma aproximação com as origens, de caráter individual e coletivo. Contar e perpetuar as narrativas orais sempre possibilitou reviver o passado, atizar o que foi esquecido pela urgência da modernidade, pois a memória realiza uma 'revivência' dos fatos que são atualizados pelas lembranças, renovando-se e repetindo-se nas suas diferenças expressas em tempos e lugares. Contudo, precisamos ir além das narrativas orais, alcançar obras que revelam a memória enquanto aparato de recuperação do passado para instituir o sujeito no presente e enquanto matéria da literatura. (SEGABINAZI, 2013, p.127).

Silva pondera que descobrir sua história e história de uma comunidade significa aprender a enlaçar tempos diversos e diversas afetividades

A reconstrução de uma trajetória individual (quer de outro ou própria) significa também a percepção de uma rede de relações a partir da ideia de individualidade, com diferentes temporalidades (o ontem e o hoje), vínculos e pertencimentos que dizem respeito tanto sobre quem se escreve, quem escreve e para quem se escreve. (SILVA, 2009, pág.151)

Assim, os conhecimentos prévios acumulados na memória do leitor serão confrontados com novas informações e ideias surgidas no ato de leitura e esse confronto trará novos conhecimentos para ele. Essa forma de recepção começa

bem antes do leitor ter contato com a obra e tem a ver com o conhecimento prévio ou horizonte de expectativa desse leitor. O ato de leitura vai ampliar os horizontes deste leitor e “isso ocorre porque novas possibilidades de vivências e de expressão foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito” (SEGABINAZI, 2013, p. 118). Por outro lado, como já vimos, quando a leitura de uma obra é incompatível para determinada série escolar, essa pode deixar o horizonte do leitor imóvel; assim, esse leitor não consegue realizar a leitura plenamente pela ausência de qualquer familiaridade com o que o texto apresenta.

Caso as obras sejam aceitas pelo leitor, no sentido de entendimento do que se está lendo - mesmo com alguma dificuldade que exija a mediação do professor -, os horizontes desse leitor serão reconstruídos e sua memória terá mais repertório armazenado. De acordo com Marchi citado por Segabinazi

A percepção dessa questão se insinua pela subjetividade do leitor. As sugestões do autor são como doses de estimulantes para a imaginação do leitor. Os arquivos da memória são revirados e de lá surgem paisagens, rostos, gestos, cenas, imagens, objetos, tios, vizinhos, avós, lembranças perdidas evocadas por uma frase, uma imagem, uma descrição. Na interpenetração entre os fragmentos da vida real passada e os fragmentos da presente ficção proposta pelo autor localiza-se a percepção do leitor. (MARCHI, 2000, p.161 apud SEGABINAZI, 2013, p. 119)

Segabinazi (2013, p. 120) apresenta no seu artigo “*Memórias na escola*”, um trabalho das autoras Aguiar e Bordini (1993), em que elas elaboram uma proposta de ensino de literatura memorialista na escola com base na Estética da Recepção, explicitando os procedimentos em etapas e com o tema memória em forma de Projetos. Assim, “aliar o método recepcional a projetos de trabalho a partir de temas é uma possibilidade enriquecedora para nossas aulas de literatura”. (SEGABINAZI, 2013, p. 124)

Isso quer dizer que pensar um ensino de literatura significativo para se trabalhar em sala de aula requer aliar teoria e prática no ensino desse conteúdo. É importante que o docente escolha com consciência uma teoria ou método para promover o interesse e ampliar os conhecimentos literários dos alunos, promovendo uma educação ética, estética, autônoma e crítica.

4. Uma leitura de “Transplante de Menina”, de Tatiana Belinky e uma proposta de trabalho para sala de aula

A partir desta seção, propomos a análise do livro de memórias “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky, com base nas teorias aqui discutidas, com o intuito de estimular trabalhos com o gênero memória na sala de aula da escola básica. Assim, essa proposta pode auxiliar o professor da educação básica no planejamento de suas aulas. Todas as atividades aqui sugeridas se baseiam nas teorias recepcionais e nas orientações da BNCC e não se esgotam em si, pois o professor tem autonomia para adaptá-las, considerando a especificidade de sua escola e de sua turma. De todo modo, parte-se da ideia de que a formação do leitor literário na escola é um projeto que precisa ser fortalecido pelos docentes.

A autora Segabinazi assinala que

O ensino de literatura na escola ainda é norteado quase exclusivamente pelo livro didático, com atividades repetitivas e distanciadas de práticas de leituras. Os procedimentos didáticos, na sala de aula, não acompanham escolhas de métodos de abordagem textual e nem consideram os fundamentos da teoria literária. (SEGABINAZI 2013, p.115)

Como vimos, a estética da recepção é uma teoria que orienta o método recepcional de abordagem do texto literário em sala de aula. Sendo assim, há o entendimento de que o conceito de literatura implica dar conta do efeito estético provocado pelo texto artístico no ato de leitura. Neste sentido, a leitura literária cumprirá seu papel humanizador e os alunos exercitarão a significação do texto para a ressignificação de seu mundo e de sua vida.

Para Segabinazi (2013, p.117)

Essa concepção altera o foco do texto literário, evidenciando que a obra não possui mais uma significação única e imutável, impassível de outras interpretações que não aquelas da crítica autorizada, como a do professor e da crítica literária (SEGABINAZI, 2013, p.117)

Botega e Portolomeos (2021) ressaltam que as orientações propostas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) podem apresentar problemas para os professores, pois certos conceitos e teorias ali presentes muitas vezes não fazem parte do conhecimento do docente que está formado há alguns anos. Além disso, as aulas de Literatura estão contidas de Língua portuguesa, o que revela certo desprestígio do primeiro conteúdo. As autoras ainda advertem que

com a pequena carga horária semanal de literatura na escola é difícil colocar em prática todas as orientações que estão no documento norteador da educação brasileira.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento norteador com caráter normativo que orienta como conduzir as aprendizagens essenciais que devem ser trabalhadas nas escolas para o pleno desenvolvimento do estudante. Esse documento serve de base para a produção dos currículos escolares e cada instituição tem sua autonomia para elaborá-lo de acordo com a Base. É necessário esclarecer que todo material didático produzido hoje deverá estar baseado nela, o que significa que essa autonomia em relação à BNCC é relativa.

O documento, na área de Linguagens, Língua Portuguesa no Ensino Fundamental - Anos Finais (6º ao 9º ano), anos para os quais o nosso livro pode ser destinado, mais especificamente nas orientações para o trabalho do professor com o campo artístico-literário, diz que

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2007 p. 136)

Percebemos na BNCC que a formação do leitor literário e o desenvolvimento da habilidade de fruir textos estéticos estão ligados aos trabalhos iniciados na Educação Infantil com a literatura. Ou seja, Base Nacional Comum Curricular prevê a formação do leitor-fruidor ao longo de todas as etapas escolares.

A leitura de fruição significa uma leitura por prazer, encantamento e estranhamento diante do que se lê, pois não se trata mais da linguagem ordinária

do dia a dia. Trata-se de um trabalho diferenciado com a linguagem que pode causar esse estranhamento como já vimos. Após esse estranhamento, no ato da leitura, pode ocorrer um momento de sensibilização que possibilita uma transformação humanizadora. O sujeito não é o mesmo após a leitura literária, pois um novo olhar se potencializará frente ao contato que o estudante terá com a leitura por fruição. Assim o aluno passa a reconhecer a função estética da literatura.

No campo artístico-literário da BNCC consta que

A formação desse leitor-fruidor exige o desenvolvimento de habilidades, a vivência de experiências significativas e aprendizagens que, por um lado, permitam a compreensão dos modos de produção, circulação e recepção das obras e produções culturais e o desvelamento dos interesses e dos conflitos que permeiam suas condições de produção e, por outro lado, garantam a análise dos recursos linguísticos e semióticos necessária à elaboração da experiência estética pretendida. (BNCC, 2007 p. 155)

Uma das habilidades elencadas no campo artístico-literário para efetivar a formação do leitor-fruidor citada acima é a habilidade (EF69LP44) que diz respeito a

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BNCC, 2007 p. 155)

Como exemplo de aulas de literatura que concretizem a formação do leitor-fruidor e atendam à função humanizadora da literatura, vamos discutir aqui a possibilidade de um trabalho em sala de aula com o gênero memória, de maneira a estabelecer e fortalecer a aproximação dos alunos com suas origens identitárias e culturais. Como vimos, as obras de cunho memorialista auxiliam os estudantes a organizarem seu mundo e conseqüentemente sua comunidade.

A obra “Transplante de menina” está dividida em duas partes. A primeira vai do capítulo I até o capítulo XXV e a segunda parte vai do capítulo XXV até o capítulo XXX. Cada capítulo possui ilustrações que dialogam com a história narrada. Na primeira parte, a narradora e autora conta suas vivências pessoais

na sua terra natal na Rússia, e depois sua infância em Riga, capital da Letônia. Na segunda parte, narra sua adolescência em São Paulo, Brasil.

Segabinazi (2013, p.127) diz que “precisamos ir além das narrativas orais, alcançar obras que revelam a memória enquanto aparato de recuperação do passado para instituir o sujeito no presente e enquanto matéria da literatura”. As declarações de Tatiana Belinky, narradora e autora da obra analisada, são exemplos desse desejo de transformar a memória oral em texto autobiográfico.

[...] gosto de recordar a minha longínqua infância, repartida entre a Europa e o Brasil. Uma infância tão rica de experiências e emoções, de sustos e surpresas, de alegrias e tristezas, de tantas emoções e vivências, que sinto vontade de contar algumas delas aos jovens de hoje[...] (BELINKY, 1995, p. 12).

Assim, a 1ª edição da obra foi escrita pela autora-narradora-personagem em 1989. Neste ano, Tatiana estava com 70 anos e, ao produzir a obra, pode partilhar com os leitores sua sensibilidade de escritora, narrando as emoções e experiências vividas na fase de sua adolescência, expressando por meio de palavras sensíveis as memórias guardadas e as suas impressões e sua visão de mundo. Diante de um material escrito tão sensível, o leitor/público pode ter acesso às histórias da narradora-autora e ainda projetar sua memória naquela experiência. Assim o leitor passa a fazer parte também daquela narrativa, leva a sua própria história para o livro lido. Conforme Silva,

A reconstrução de uma trajetória individual (quer de outro ou própria) significa também a percepção de uma rede de relações a partir da ideia de individualidade, com diferentes temporalidades (o ontem e o hoje), vínculos e pertencimentos que dizem respeito tanto sobre quem se escreve quem escreve e para quem se escreve (SILVA, 2009, p.154)

Com base no relato da autora, o professor pode propor aos estudantes que recordem uma experiência da infância para que eles façam um resgate do passado e revivam suas memórias. Após, podem compartilhar as memórias revividas com os demais da turma. Essa sugestão tem como ganho o fato de os sujeitos envolvidos perceberem múltiplos olhares em relação aos valores sociais, culturais e humanos de cada um. É muito importante nas aulas de literatura esse momento das trocas, pois cada ser é único e dotado de experiências únicas que o constituem no presente. De acordo com Rodrigues (2019, p. 11 *apud*

CANDIDO, 1988, p.182) “A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”. Devemos ter clareza para o fato de que a linguagem literária possui especificidades próprias. Assim, ela é usada para fins estéticos e as informações transmitidas vão além do nível meramente semântico, pois, sobretudo, a linguagem literária pretende despertar emoção no leitor e transformá-lo.

No capítulo V, a narradora personagem discorre sobre as recordações que guarda de seus avós, avô paterno e avó materna, e diz que foi deles que sentiu mais falta nos primeiros anos no Brasil. A citação a seguir é um exemplo de emoção despertada no ato de leitura. “Inesquecíveis, como eles próprios, vovó e vovô, que deixamos atrás, lá em Riga, sem saber que não os veríamos mais, nunca mais...” (Belinky, 1995, p. 23) A narradora, ao final de sua colocação, utiliza reticências, transmitindo desta forma um sentimento de tristeza e saudade. As reticências evocam um final de frase incompleto que será finalizado na criatividade do ato de leitura.

Pensando na possibilidade de um trabalho interdisciplinar a partir de uma aula de literatura com o gênero memória, os professores podem propor aulas que motivem os estudantes a pensar coletivamente a questão da colonização do Brasil e a imigração narrada por Belinky nos anos 30. Esse trabalho também resgata a memória coletiva e familiar de cada um, na medida em que os alunos podem fazer uma pesquisa relativa às suas famílias e às suas origens identitárias, estimulados pelo texto literário.

Os estudantes, ao conhecerem suas origens e perceberem a distância delas, estando muitas vezes em outros continentes, como o africano ou o asiático, possivelmente se identificarão com a narrativa do livro, ampliando seus horizontes de mundo. “Isso ocorre porque novas possibilidades de vivências e de expressão foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito” (SEGABINAZI, 2013, p. 118)

No capítulo I a narradora personagem inicia sua história dizendo “Eu não nasci no Brasil: sou imigrante”. (Belinky, 1995, p.9). Nesse ponto, ela narra como era a vida no lugar em que nasceu e os motivos que fizeram sua família voltar

para o lugar de origem e depois para o Brasil. Os motivos que fizeram Tatiana e sua família voltarem para a terra natal de seus pais foram contados a ela. Assim as memórias descritas são marcas do passado que são repassadas entre as gerações e fazem parte da história de um povo, como as revoluções, guerras, problemas econômicos e políticos citados por Belinky. Isso inscreve a nossa história pessoal, a história pessoal de cada aluno, na esfera da memória.

Silva (2009 p.157 *apud* Halbwachs 1990, p. 80-81) “separa claramente história e memória ao atribuir à segunda uma dimensão de vivência (física ou afetiva) e identidade de um grupo. A primeira, escrita e impessoal, seria a expressão de um esforço exterior segundo o autor. As memórias narradas pela autora são informações que ela obteve e associou ao período em que estava vivendo. Interessa observar que ela não viu nem presenciou esses fatos. Trata-se assim da memória coletiva dos imigrantes europeus que viveram aquele momento.

Contar e perpetuar as narrativas orais sempre possibilitou reviver o passado, atizar o que foi esquecido pela urgência da modernidade, pois a memória realiza uma ‘revivência’ dos fatos que são atualizados pelas lembranças, renovando-se e repetindo-se nas suas diferenças expressas em tempos e lugares. (SEGABINAZI, 2013, p.127).

O professor pode trabalhar em sala de aula a diferença entre História e Memória ao propor uma atividade em que os estudantes pesquisem o que estava acontecendo no mundo ou no local em que estavam inseridos no ano do nascimento deles ou nos primeiros anos de vida e solicitar que eles busquem na memória ou conversem com um familiar sobre algo bem distante na lembrança, para que eles percebam a diferença entre os dois conceitos e relacionem a obra literária com suas próprias vivências.

A multissignificação também é uma especificidade da linguagem literária, Proença-Filho (2007, p.41) diz que “ao caracterizar-se no texto literário um uso específico e complexo da língua, os signos linguísticos, as frases, as sequências assumem, em função do contexto em que se integram, significado variado e múltiplo”. Assim, esse procedimento é uma das marcas dos textos literários e permite múltiplas leituras e interpretações dos alunos que o professor deve preservar. A autora Tatiana Belinky utilizou na sua obra muitas palavras e

expressões polissêmicas e ao escrevê-las já foi colocando-as entre aspas. Desta maneira, ao ir fazendo a leitura da obra, o aluno poderá discutir a produção de significado para essas palavras com a mediação do professor.

Do capítulo XVIII ao capítulo XXI, a narradora conta da viagem para o Brasil. São 22 dias que se passaram desde a saída em Riga até a chegada ao Rio de Janeiro. Nesses capítulos, é possível apreciar muitas palavras ou expressões que apresentam multissignificados na obra.

No capítulo XVIII, temos “apesar da “fachada otimista” apresentada por papai e mamãe” (1995, p.53), no capítulo XIX, “Papai de fato partiu antes de nós – para “apalpar o terreno”-“ (1995, p. 54), no capítulo XX, “para grande hilaridade de nós, os “grandes””. (1995, p. 57), no capítulo XXI, “coisa totalmente “ilegal”, dentro do nosso código de boas maneiras” e “não dava para ficar muito tempo dentro daquela “cela” abafada” (1995, p.59).

As palavras ou expressões citadas na obra apresentam múltiplas interpretações, ou seja, apresentam um sentido denotativo lidas isoladamente e um sentido conotativo, quando em determinado contexto da obra assumem outros significados. Essa multissignificação causa no leitor a necessidade de inferir os significados para além do sentido denotativo para que desta forma a sentença seja entendida.

Quando a narradora diz “fachada otimista”, ela quer dizer que os pais estavam transparecendo por meio de seus semblantes que estava tudo bem e que a viagem seria uma grande oportunidade para eles, porém não era realmente o que estava acontecendo, pois eles não faziam ideia do que de fato poderia acontecer. A expressão “fachada” pode apresentar o significado literal de parte externa de uma obra ou significar metaforicamente uma mentira, uma farsa. No contexto da obra está mais adequado o significado de demonstração.

Em “apalpar o terreno” temos o significado de conhecer o Brasil, verificar como que era o lugar para se estabelecer e só depois levar a família para lá e não tocar na terra, no solo no seu sentido real, mas figurativo.

Na expressão “para grande hilaridade de nós, os “grandes””, a autora se intitula como grande, mas coloca entre aspas para enfatizar que também era

criança e estava se intitulado mais velha e adulta como forma de dizer que era mais velha que o irmão pequeno, sendo assim grande para ele.

Em “coisa totalmente “ilegal”, dentro do nosso código de boas maneiras” e “não dava para ficar muito tempo dentro daquela “cela” abafada”, Tatiana compara as situações que está vivenciando aos termos em destaque. Com isso, “ilegal”, não significa que não deve ser feito, que é fora da lei, mas que é inapropriado para eles de acordo com as regras e costumes da sua família e “cela” não se refere a cadeia/prisão, mas uma comparação ao tamanho do lugar que ela estava ser pequeno como as celas de uma prisão em que o espaço é apertado.

Nesse sentido, Proença-Filho acentua que

o texto de literatura, em função do contexto que o caracteriza, repele qualquer imposição coercitiva. Esse preocupar-se nele não se faz presente. O que o leva a possibilitar ao destinatário, leitor ou ouvinte, a apreensão de uma multiplicidade de sentidos (PROENÇA-FILHO, 2007, p.41)

Partindo desse princípio, os professores podem solicitar aos educandos que identifiquem, no momento da leitura da obra, as palavras ou expressões que estão destacadas entre aspas e socializem com os colegas as descobertas, para assim verificarem a presença e entendimento de que “Não existe uma “gramática normativa” para o texto literário. Seu único espaço de criação é a liberdade (PROENÇA-FILHO, 2007 p. 43).

A literatura se abre plenamente, à criatividade do artista. Em seu percurso, ela envolve a constante invenção de novos meios de expressão ou uma nova utilização dos recursos vigentes em determinada época. Mesmo nos momentos em que a obediência a determinados princípios pareceu regular os procedimentos literários, a literatura, por sua própria natureza, levou à abertura de caminhos renovadores. (PROENÇA-FILHO, 2007 p. 44).

Ainda segundo Proença-Filho

a linguagem literária é eminentemente conotativa. O texto literário resulta de uma criação, feita de palavras. E do arranjo especial das palavras nessa modalidade de discurso que emerge o sentido múltiplo que a caracteriza”. (PROENÇA-FILHO, 2007, p.43)

A autora se expressou em toda obra de uma maneira diferente, pois além de usar metáforas, utilizou muitas comparações e termos informais. Nos trechos “E,

sentada sobre o lençol “xixizado”. (1995, p.70), “os noivos eram pobres-pobres-pobres de marré-marré-marré”. (1995, p. 129), “ a gente ficava mais durinho de movimento do que boneca de pano recheada de macela, feito a Emília, de Lobato, antes de virar quase-gente”. (1995, p. 14) e “... Um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza...” (1995, p. 66), fica evidente a utilização de recursos estilísticos para realçar a mensagem, tornando-a mais expressiva. Ao identificar as figuras de linguagem, a compreensão do texto torna-se mais fácil, ampliando os horizontes do leitor.

Proença-Filho adverte ainda que

[...] a conotação é um conceito fundamental para os estudos de literatura, e que especialistas como André Martinet, Georges Mounin e José Guilherme Merquior chegam a admitir que nas conotações reside “o segredo do valor poético de um texto”. (PROENÇA-FILHO, 2007, p. 43)

A obra em análise é considerada autobiográfica pois segundo POSSEBOM, (2011 p.20 *apud* LEJEUNE, 2008) “há um pacto autobiográfico quando apresenta identidade autor-narrador-personagem”. Na obra analisada, mesmo que não haja o nome Tatiana no texto, em muitos momentos a autora fala de si, como em “Lá, eu podia passear sozinha e desacompanhada, até mesmo sem meus irmãos” (BELINKY, 1995 p. 105). Nota-se que ao dizer “eu” a autora se coloca no texto e participa das histórias narradas, sobretudo se confrontamos a vida da autora com sua obra.

Possebom (2011) cita que

A escrita, dessa forma, permite estabelecer o pacto de leitura, feito pelo leitor, que analisará o funcionamento da memória como linguagem, a fim de perceber de que forma e em que medida se entrelaçam a memória e a imaginação. Dessa forma, será possível analisar o posicionamento do narrador diante de uma época vivenciada, da qual este é, ao mesmo tempo, produtor do discurso memorialístico e testemunha dos fatos narrados, que, por sua vez sofreram também a influência da voz das pessoas que participaram desse entrelaçamento”. (POSSEBOM, 201, p. 22)

Portanto, o eixo temático Memória trabalhado por meio da obra *Transplante de menina*, possibilitará aos educandos uma retomada e uma análise da identidade e das memórias deles próprios e assim confirmar que a

Literatura é fundamental na construção identitária pessoal e coletiva, tornando-os sujeitos críticos e emancipados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), adotamos como ponto de partida a ideia de que a Literatura precisa ser trabalhada em sala de aula, considerando uma de suas características mais básicas, a expressão estética que provoca a emoção e a ampliação dos horizontes de expectativa do leitor no ato de leitura. Assim, o aluno, ao se relacionar com o texto literário, fará novas descobertas que irão promover novas e sensíveis perspectivas sobre a vida, sobre si mesmo e sobre o mundo, pois a Literatura possui uma função humanizadora.

A partir de pesquisas, vimos que os documentos oficiais que orientam o trabalho com o ensino de Literatura na escola são de difícil compreensão por parte de muitos professores que continuam a explorar o conteúdo de língua portuguesa nas aulas de literatura. A BNCC apresenta conceitos e teorias que estão para além de conhecimentos adquiridos há algumas décadas, sendo necessária uma formação continuada mais efetiva para os professores do ensino básico.

Com base no exposto acima, nossa proposta foi aliar os direcionamentos da BNCC a uma proposta de leitura do texto infantojuvenil “Transplante de menina”, tendo por base lições da teoria literária. Acreditamos que este TCC possa colaborar com os professores de Literatura da Educação Básica, apresentando possibilidades para um trabalho significativo/ efetivo desta disciplina no ensino fundamental II. Em outras palavras, essa é uma maneira de contribuir para a formação desses professores, para que tenham um aporte teórico e prático para concretizar um trabalho em sala de aula que atenda às orientações da BNCC, valorizando a estética do texto e a função humanizadora da Literatura.

Os professores com um apoio de formação continuada são a chave para um efetivo ensino de Literatura na escola. Portanto, este trabalho é um convite aos professores de Literatura da Educação Básica para juntos entendermos e refletirmos sobre um ensino produtor desse conteúdo em que a obra literária não deve ser fragmentada para fins didáticos, mas trabalhada no seu total, de forma prazerosa e encantadora, lembrando que ler um texto literário é imaginar

o desconhecido, é pensar e associar com suas vivências, é transformar sua realidade, é entender e respeitar o outro, é formar-se como cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINKY, Tatiana. Transplante de Menina. 2º ed. Editora: Moderna, 1995.
 BOTEGA, Simone; PORTOLOMEOS, Andrea. **A POESIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS ORIENTAÇÕES DA BNCC.**
 CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.16 (Educação literária), p. 291-315, jul/dez, 2021. ISSN: 2357-9234. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1914>> Acesso em: 1.out.2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

COSSON, Rildo. **A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: MEDIAÇÃO OU ENSINO?** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3735>> Acesso em: 2.out. 2020.

COSTA, Marta. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil.** 1.ed. Editora: Intersaberes, 2013.

CUNHA, M.A.A. **“Experiência Estética Literária”** In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/experiencia-estetica-literaria>. Acesso em 9. mai. 2021.

PORTOLOMEOS, Andrea; RODRIGUES, Sophia. **A LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: A TEORIA NA PRÁTICA AJUDA?** Revista Humanidades e Inovação v.7, n.1 - 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/64>> Acesso em: 4.out. 2020.

POSSEBOM, Rute. **Infância, de Graciliano Ramos. Memória ou autobiografia?** Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14684/1/Rute%20Augusto%20Possibom.pdf>> Acesso em: 22.fev.2021.

PROENÇA FILHO, Domício, 1936- **A linguagem literária.** 8.ed. — São Paulo: Ática, 2007.

RODRIGUES. Sophia. **A linguagem literária na formação do sujeito crítico.** UFLA, 2019.

SEGABINAZI, Daniela. **Aula de literatura – costurando leituras com fiapos de memórias.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.22, 2013.

Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Downloads/Mem%C3%B3ria%20na%20aula%20de%20literatura.pdf> Acesso em 14. out. 2020.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **BIOGRAFIAS: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA.** Disponível em:<
file:///C:/Users/User/Downloads/biografia-memoria-pdf%20(2).pdf> Acesso:
2.nov.2020.

ZILBERMAN, Regina, 1948- **Teoria da literatura I.** - 2.ed. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.